

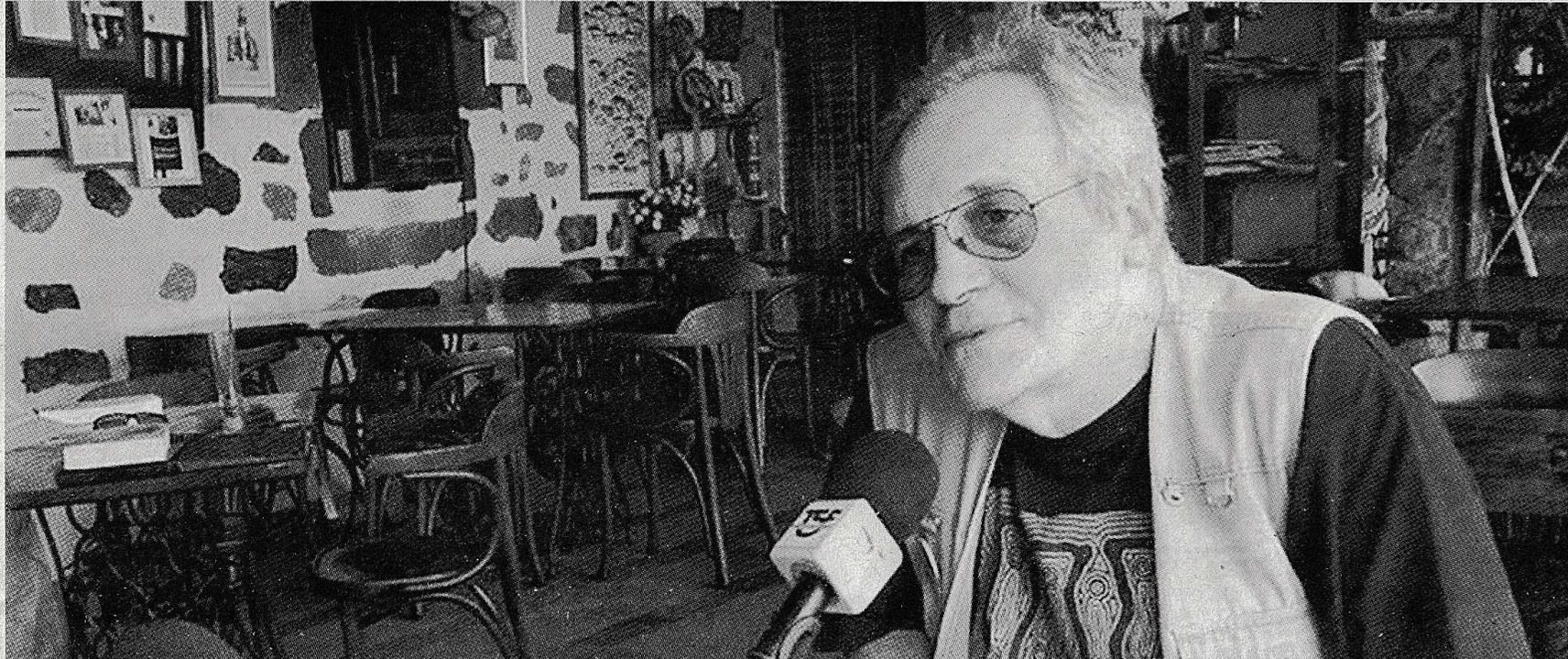


Grafonola Açoriano Oriental **TSF**
RÁDIO AÇORES

Chrys Chrystello Com uma paixão imensa pelo jornalismo e pela escrita, faz da praia dos Moinhos o seu refúgio, o seu local de inspiração. Escolheu ser açoriano pelo sentimento de pertença que existe no povo de cá

“Este sentimento de pertença não encontrei em parte nenhuma”

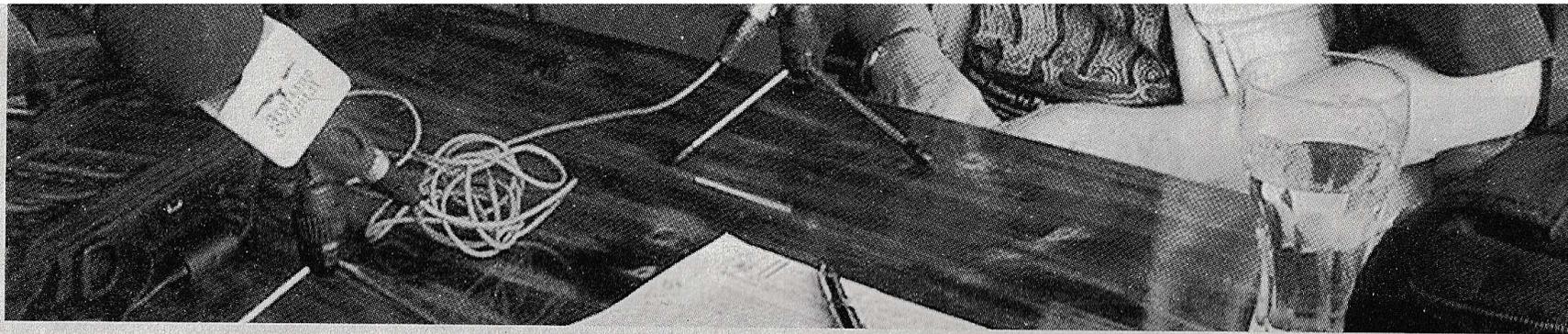
AÇORIANO ORIENTAL



Músicas

RENEE GEYER
It's a man's world
MEN AT WORK
Down under
BEATLES
Yellow submarine
BOB DYLAN
Blowin' in the wind
DOORS
Stairway to heaven
HELENA CASTRO FERREIRA
Maria Nobody

disse para acrescentar que cerca de 50 por cento dos colóquios, quer sejam realizados nas ilhas ou fora delas, são dedicados à aço-



SUSETE RODRIGUES/MIGUEL DECQ MOTA
srodrigues@acorianooriental.pt

Esta semana, o programa Grafonola da Rádio Açores TSF foi até à praia dos Moinhos, no Porto Formoso, ao encontro de Chrys Chrystello, que está a viver nos Açores há já alguns anos.

Natural do Porto, diz que a sua “pátria é Sidney, na Austrália, e a minha ‘mátria’ é Bragança, em Trás-os-Montes, e neste momento sou açoriano”.

A praia dos Moinhos diz-lhe muito porque “sou um amante desta praia, sou um amante da costa norte. (...) Já tivemos aqui um colóquio da lusofonia, que organizo desde 2001 e foi o local onde escrevi toda a minha poesia recente. No meu último livro, que são 40 anos de vida literária, 90 por cento das poesias foram escritas aqui, isto é o meu paraíso na terra, o meu recanto. Tudo começou há muitos anos quando vim cá pela primeira vez com os saudos Manuel Sá Couto, Daniel de Sá, Onésimo Teotónio de Almeida e tantos outros que se jun-

tavam aqui em tertúlias. A partir daí nunca mais deixei de vir aos ‘Moinhos’. Gosto disso no inverno, no verão, de manhã, à tarde, à noite e é um privilégio estar aqui”, sublinha.

Frequentou a Faculdade de Economia da Universidade do Porto, embora a sua primeira escolha não fosse economia, mas “naquele tempo os pais eram quem escolhiam o futuro dos filhos e o meu escolheu o meu e cumpri-o, até que deitei fora a chave da economia e voltei ao que gosto. Sou jornalista desde 1967, vou passar a membro honorário dos jornalistas australianos no dia em que fizer 50 anos de jornalismo, que é no próximo dia 2 de outubro”.

o programa **GRAFONOLA**
da **RÁDIO AÇORES / TSF**
tem o patrocínio da


sata The Atlantic
and You™

Contudo, o tempo que passou na Faculdade de Economia acabou por ser positivo porque entrou no Teatro Universitário do Porto, onde “conheci pessoas como o Mário Viegas e uma das coisas de que me orgulho é que um dos poemas do meu primeiro livro de 1972 ter sido declamado pelo Mário Viegas; conheci o Zeca Afonso. Acabei por ter uma curta experiência no teatro que foi muito enriquecedora para a minha vida jornalística”.

Chrys Chrystello fixou-se na Austrália, mas entre 1976 e 1982 andou por Macau, uma terra interessante onde “ganhei mais dinheiro. É a única terra, das muitas em que já vivi, à qual não estou ligado afetivamente”, porque “Macau não tem alma. A alma de Macau é o dinheiro e para um poeta é sempre complicado ‘vender a alma ao diabo’ e por isso, - “embora tenha sido um período feliz da minha vida -, Macau não é dos sítios que me ficou mais querido”. Isto ao contrário dos Açores, onde reside desde 2005. Conta que veio

para São Miguel porque “a minha mulher foi colocada cá. Ela estava no Politécnico de Bragança, depois voltou para o ensino das crianças e o sítio onde havia vagas era nos Açores”. Uma região onde, em “menos de três ou quatro meses, senti a necessidade de ficar”, afirma para explicar que “há um episódio curioso que conto nas minhas duas obras autobiográficas, “Chrónica Açores”, que é: ‘cheguei aos Açores e rapidamente fiquei com uma inveja louca. Era um australiano, mas tinha uma falta de sentimento de pertença e nos primeiros meses aqui, dei conta que os açorianos tinham um sentimento de pertença que não encontrei em parte nenhuma do mundo. Este sentimento de pertença faz parte do ADN do açoriano, esteja ele aqui ou emigrado”.

Desde 2006 que Chrys Chrystello está à frente dos Colóquios da Lusofonia, sendo que “a nossa noção de lusofonia é a mais alargada possível: são todos aqueles que trabalham a língua portuguesa, independentemente da sua nacionalidade ou naturalidade”,

rianidade. “Eu, a minha mulher e alguns colegas temo-nos dedicado a lançar vários excertos de obras de autores açorianos que estavam esgotadas. Além disso, temos traduzido os autores açorianos em várias línguas, como o búlgaro, o polaco, o romeno”. Inclusive, “conseguimos introduzir o estudo de autores açorianos na Roménia e na Polónia, em teses de Mestrado e Doutoramento. Temos também em linha e disponíveis para as escolas e para quem quiser aprender os cadernos de

“Naquele tempo os pais eram quem escolhiam o futuro dos filhos e o meu, escolheu o meu e cumpri-o”

estudos açorianos. Temos 32 e vamos lançar no colóquio em Santa Maria (em outubro próximo) a maior obra de bibliografia da açorianidade. São dois volumes com 19.450 entradas que abarcam todas as áreas de conhecimento. Uma obra que futuramente estará disponível online”.

Desde 2006 que é realizado dois colóquios por ano, “um normalmente aqui nas ilhas e outro fora (...). Até 2021 contamos ir ao Pico, à Graciosa e a São Jorge. A minha ideia, se tiver anos de vida suficientes, era fazer os colóquios em todas as ilhas, inclusive no Corvo”, finaliza. ♦